

ANÁLISE SEMIÓTICA DE MÍDIA CARTAZ NO CASO MARIELLE

Sofia Finguermann FERNANDES¹
Mestranda em Letras – Mackenzie/UPM

Laura Gomes CARVALHO²
Mestranda em Letras – Mackenzie/UPM

RESUMO

O presente artigo desenvolve análise de mídia cartaz sobre o Caso Marielle a partir da teoria semiótica greimasiana. Para tanto, é priorizado o plano de conteúdo, em que são investigados aspectos do nível narrativo, seguidos de estudos acerca dos elementos mais relevantes do plano discursivo, de forma a chegar à categoria semântica fundamental, em sua oposição de base, e os valores nela presentes. Posteriormente, são também observados componentes do plano da expressão. Sabendo dos muitos obstáculos estruturais que retém o acesso efetivo do gênero feminino à democracia, tal como aconteceu no assassinato da vereadora Marielle Franco, o presente artigo objetiva investigar os efeitos de sentido gerados pela mídia cartaz selecionada, os mecanismos utilizados para construí-los e, por fim, observar as circunstâncias sócio-históricas que influenciam e refletem a produção textual.

Palavras-chave: Semiótica greimasiana. Marielle Franco. Mídia cartaz.

Introdução

Sabe-se que os espaços institucionais de poder são, ao longo da história e até os dias de hoje, ocupados majoritariamente por homens. Apesar das conquistas democráticas e sociais das mulheres nos últimos anos, é sabido que, em âmbitos formais de atuação política, a presença de figuras femininas ainda é ínfima quando comparada à de homens – que são, em sua absoluta maioria, brancos e proprietários.

Isso não significa, no entanto, que as mulheres não tenham atuado significativamente por meio de movimentos alternativos, coletivos e organizações independentes. A participação dos movimentos feministas foi e é crucial em momentos significativos da história brasileira. Especialmente a partir dos anos 2000, a participação de mulheres jovens em prol de movimentos feministas e inclusivos tem ganhado destaque tanto em manifestações e

¹ E-mail: sfinguermann@gmail.com

² E-mail: lauraxgomes@gmail.com

movimentos públicos, como na internet, promovendo avanços revolucionários, ainda que atuando fora da esfera formal.

As posições hierárquicas que afastam mulheres desses espaços de atuação não são, no entanto, exclusivamente regidas por questões de gênero, mas também definidas por variáveis de classe, raça, etnia e de orientação sexual. Da mesma maneira, as consequências dessa exclusão não são as mesmas para todas as mulheres, mas sim estabelecidas pelos fatores supracitados, de forma que uma mulher negra, pobre e LGBT sofre as consequências desse silenciamento de forma muito mais intensa do que uma mulher branca, heterossexual e de uma classe social mais alta. É possível perceber, ainda, que essas mulheres mais prejudicadas por essa falta de representatividade política, são também as que encontram maior dificuldade para o acesso ao âmbito formal de poder (BIROLI, 2018). Ainda segundo a autora: “[...] as matrizes de dominação são ao mesmo tempo patriarcais, racistas e colonialistas.”. (2018, p. 172).

De encontro a todas as estatísticas desfavoráveis, Marielle Franco, mulher periférica, negra e lésbica, foi, em 2016, a vereadora mais votada no Rio de Janeiro e se tornou referência ao movimento negro e feminista, lutando por causas de minorias dentro e fora do espaço público de poder, visto que também participava de coletivos independentes de cunho social.

Por isso, deve ser analisada também a violência contra as mulheres na política, que mesmo ocupando cargos de destaque, enfrentam obstáculos e barreiras estruturais das camadas mais conservadoras da sociedade, fator que muitas vezes impede a atuação eficaz dessas mulheres dentro da esfera política e as atinge também enquanto indivíduos. Mais do que machista e misógina, esse tipo de violência é um atentado à presença das mulheres na democracia.

O assassinato de Marielle Franco é um exemplo prático de exclusão, silenciamento e agressão a minorias – no caso da vereadora, minoria de gênero, raça, classe e orientação sexual. De maneira metonímica, a morte de Marielle representa todo este contexto de restrição e desigualdade esboçado.

Desde que a vereadora do PSOL (Partido Socialismo e Liberdade) foi assassinada, em 14 de março de 2018, há grande comoção acerca do caso e, principalmente, dúvidas sobre o que de fato aconteceu. Desde o acontecimento, grande parte da população brasileira se fez a mesma pergunta: “quem matou Marielle Franco?”. Há quem seja mais específico e indague: “quem *mandou* matá-la?”.

O *corpus* escolhido para análise responde, ainda que de maneira parcial, a estas perguntas, tão propagadas pela sociedade brasileira. Trata-se de um cartaz fotografado dia 28

de abril de 2018, na Av. General Olímpio da Silveira, na cidade de São Paulo, poucos dias após um ato de repúdio realizado por ocasião do assassinato de Marielle Franco:

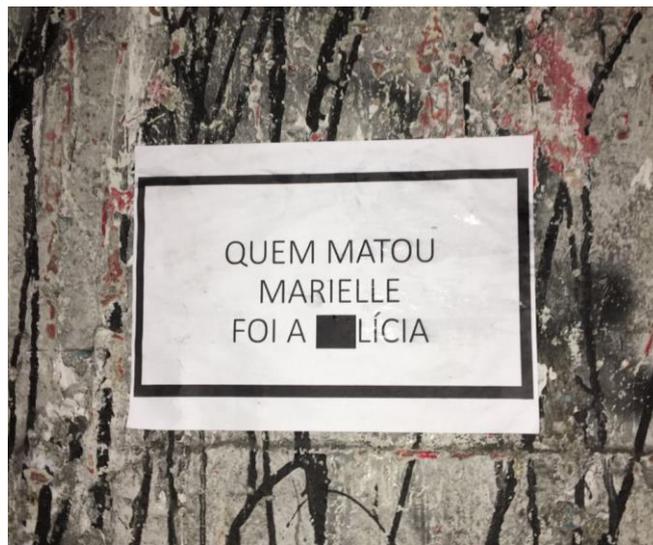


Figura 1: Mídia Cartaz Marielle. Abril, 2018, São Paulo, SP. Foto: Mariana Silva Jorge.

O tema, portanto, foi selecionado para análise tendo em vista tanto a relevância social do fato quanto seu posterior impacto midiático, em âmbitos nacional e internacional, em meios de comunicação institucionais e espontâneos, bem como tendo em vista as incertezas que circundaram e ainda circundam os motivos e os responsáveis pelo crime.

A presente análise será desenvolvida a partir da semiótica greimasiana, propondo estudar os sentidos do texto selecionado a partir de seu plano de conteúdo, isto é, privilegiando seu percurso gerativo de significação. Cabe, portanto, analisar o que o texto diz, ou seja, quais são os sentidos transmitidos e, também, por meio de quais instrumentos e mecanismos essa transmissão acontece. Posteriormente, será analisado o plano de expressão, considerando como ele afeta a significação do texto.

No que tange o plano de conteúdo, o estudo explora o percurso gerativo de sentido em seus três níveis: em um primeiro momento, serão explorados aspectos do nível narrativo, e

esmiuçadas as transformações de estado do Sujeito; posteriormente, são verificados elementos do nível discursivo mais relevantes para a constituição de sentido; por fim, é observado o nível fundamental, em que são investigadas as categorias tímicas e seus valores, até chegar a uma oposição de base.

Nível narrativo

Tendo como princípio para análise o nível narrativo, é necessário ter também como ponto de partida o fato de que, para que haja narrativa, é preciso haver uma transformação, isto é, uma sucessão de estados (BARROS, 2011). No cartaz objeto de estudo, percebe-se, de imediato, um enunciado de transformação que rege enunciados de estado pressupostos no texto. Ou seja, a passagem de um estado a outro.

Segundo Barros, “[...] o programa narrativo define-se como *um enunciado de fazer que rege um enunciado de estado*. Integra, portanto, estados e transformações (itálico do autor, 2011, p. 20)”. A partir desse conceito, é possível afirmar que Marielle (S^2), enquanto sujeito de estado, estava viva, ou seja, em estado de junção com o objeto de valor (Ov), a vida ($S^2 - Ov$).

É possível afirmar, ainda, que esta junção era um enunciado conjuntivo, ou seja, Marielle – enquanto objeto que sofrera a transformação, estava, anteriormente, em conjunção com os valores da vida, ainda que este enunciado de estado não esteja explicitado no texto ($S^2 \wedge Ov$).

Tanto o enunciado de estado inicial, descrito acima, como o de estado final, decorrente da transformação, ($S^2 \vee Ov$, Marielle em disjunção com os valores da vida) estão pressupostos pelo enunciado de ação e são *regidos* por ele.

Privilegiar-se-á, portanto, aspectos de como esta transformação foi realizada, por meio de quais recursos, e quais foram as competências adquiridas pelo sujeito da ação (S^1 , miliciano ou policial) para que este realizasse a performance.

Considerando que Marielle foi assassinada, estabelece-se que ela foi privada de um valor positivo, não por meio de renúncia, como seria caso se falássemos em suicídio, mas sim por meio de *espoliação*, visto que outro sujeito tomou a vida de Marielle ($S^1 \neq S^2$).

É válido ressaltar que grande parte do caráter polêmico desta narrativa dá-se justamente pelo fato de S^1 ser um sujeito censurado. Sem o prefixo exposto, o leitor fica sem saber se o texto se refere à polícia ou à milícia, fator que será explorado posteriormente, nos estudos que tangem o campo de expressão do texto.

De qualquer forma, sabe-se que este sujeito de fazer (S¹), adquiriu valores modais para a realização da ação. Cabe agora atentar-nos ao programa narrativo de competência: quem assassinou Marielle recebeu recursos para isso. O assassino *sabia, podia* e, partindo do princípio de que foi uma morte encomendada, *devia* fazê-lo.

Portanto, a sanção negativa recebida por Marielle, seu assassinato, pressupõe uma ação anterior, a de que alguém a matou, e, ainda anterior a esta, presume-se uma manipulação para que o crime corresse. Este desencadeamento de mudanças de estado, visto a partir de relações de pressuposições, permite-nos chegar ao esquema canônico de narratividade.

Percurso canônico da narrativa

É importante considerar que a morte de Marielle pouco teve de casualidade e muito de premeditado. Quem matou a vereadora, o fez a mando de alguém – uma execução. Pouco tempo antes, a governante havia feito denúncias severas ao 41.º Batalhão de Polícia Militar (41.º BPM) do Estado do Rio de Janeiro, também o Batalhão que mais mata no Rio. A arma utilizada no crime, uma submetralhadora HK MP5, é normalmente utilizada por forças de elite da polícia do Rio de Janeiro. Posteriormente, tornou-se pública a possibilidade de envolvimento de um vereador e de um miliciano. Não obstante, testemunhas do caso são assassinadas, o que nos leva a um cenário antecedente ao posto no texto estudado.

Observa-se, portanto, que o percurso narrativo do texto analisado começa muito antes do explicitado pelo enunciado. Partimos de um Destinator, pressuposto, que manipulou um Destinatário (policial ou miliciano) para a realização do crime. O Percurso da Manipulação (fazer-fazer), portanto, permite algumas possibilidades de análise:

Em primeira hipótese, é possível que, por meio de intimidação, o mandante do crime tenha utilizado de seu poder de maneira impositiva ou até ameaçadora para realizar a persuasão. Assim, pode ter imposto ao Destinatário a crença de um dever-fazer, caso contrário, seria lhe atribuída uma punição, um objeto de valor negativo.

Outra alternativa é que tenha havido um fazer persuasivo por meio de tentação, podendo ter sido atribuída ao assassino uma quantia significativa de dinheiro, um aumento em seu cargo de trabalho, ou qualquer outro objeto de valor com atribuição positiva para o Destinatário. Em ambos os casos, trata-se de uma manipulação gerada a partir do *poder*.

Esses procedimentos transformam o sujeito manipulado em um *sujeito virtual*, que passa a dever-fazer (por intimidação) ou querer-fazer (por meio de tentação) e, assim, chegamos ao Percurso da Ação.

Depois de lhe atribuídas as devidas competências (valores modais como a vontade ou o dever), S¹ assume a posição de *sujeito atual*, pois sabe-fazer e pode-fazer. Ou seja, tem os recursos e os saberes necessários para que realize a ação, qual seja, a execução de Marielle. Então, S¹, agora, efetiva a ação – a performance (fazer-ser), tornando-se *sujeito real*.

Cabe enfatizar que os sujeitos não estão desconectados, não atuam de maneira autônoma e independente. Greimás (1993) explica que a análise semiótica não deve ser feita de maneira desconecta (como propõe a linguística tradicional saussuriana ao opor o sujeito virtual ao atual, por exemplo). Ao contrário, é de uma interação ordenada, também regida por fatores extratextuais e pressupostos ao texto, que a produção de sentido é gerada. Todo o percurso da ação, desde o sujeito em potencial, do *querer-fazer* ou *dever-fazer* até o sujeito real, é realizado por uma sucessão fatores que, por meio de uma interação ordenada, realizam a semiose.

Por fim, tratando-se do Percurso da Sanção, faz-se claro que Marielle (S²) foi sancionada negativamente por seu assassino (S¹), que, como punição, tirou-lhe a vida. Pensando ainda em pressupostos, o próprio criminoso pode ter sido recompensado pelo(s) mandante(s) ou punido caso não cometesse o assassinato.

Em um segundo momento, é possível também perceber uma provável sanção social em relação ao sujeito realizador da ação, o assassino. Ao afirmar – especialmente de maneira censurada, quem matou Marielle – a mídia cartaz representa um questionamento de toda a sociedade que aguarda e indaga, ainda, a sanção dos responsáveis.

Percurso gerativo da significação

Inicia-se a análise do cartaz agora por elementos fundamentais sobre estruturas discursivas. “O sujeito da enunciação faz uma série de ‘escolhas’, de pessoa, de tempo, de espaço, de figuras, e ‘conta’ ou passa a narrativa, transformando-a em discurso.” (BARROS, 2011). O cartaz, portanto, será estudado a partir de conceitos encontrados na enunciação, revelando os valores sobre os quais e para os quais o texto foi exposto.

No cartaz “Quem matou Marielle foi a ■lícia” o discurso procura persuadir seu destinatário a um efeito de sentido de verdade. Sabe-se que determinados mecanismos discursivos têm por finalidade criar a ilusão de veracidade e, para tanto, é possível identificar o

distanciamento da enunciação. É visto que se trata de uma acusação feita na terceira pessoa. Tal afastamento pode ter-se dado pelo efeito de verdade a ser gerado, como pode também ter sido necessário, pois evita que o autor arque com a responsabilidade do que foi dito, ainda mais se tratando de uma acusação sem provas, feita à polícia ou milícia brasileira.

Para tanto, usa-se a desembreagem enunciativa, que oculta o actante e coloca a questão em terceira pessoa, produzindo um efeito de verdade objetiva no discurso, de uma fala racional, inteligível e, portanto, verossímil.

Também devem ser consideradas na frase projeções de tempo e de espaço, que trazem proximidade ao cartaz. A morte de Marielle é recente e faz com que o tempo seja o *agora*: o próprio pretérito perfeito *matou*, retratado no cartaz no mês posterior ao ocorrido, instala a percepção de que o momento ainda repercute e traz como tema a acusação, que ainda pode ser vista como concomitante ao agora – presente. A resposta concreta e certa de quem matou a vereadora é ainda uma questão atual.

O cartaz, fotografado na cidade de São Paulo, no dia 28 de abril, quando carrega essas informações, traz também o espaço – aqui. Abrange o Brasil, depois o Rio de Janeiro por ter sido o local do crime e, por fim, São Paulo, onde a foto foi tirada. “Esses elementos ancoram o texto na história e criam a ilusão de referente e, a partir daí, de fato verídico, de notícia verdadeira.” (BARROS, 2011). Portanto, o texto analisado faz uso tanto de estratégias enunciativas, no âmbito actorial, quanto enunciativas, no que diz respeito aos aspectos temporal e espacial.

Prosseguindo nas relações entre enunciador e enunciatário, cabe atestar que o texto traz uma argumentação presente, pois se encaixa no conjunto de procedimentos linguísticos e lógicos usados pelo enunciador para convencer o enunciatário. Ainda que não houvesse a resposta de quem foi que matou Marielle, apenas a pergunta já indica a revolta acerca da questão. Pode-se afirmar então, que no âmbito das oposições categóricas, o cartaz afirma-se como reticência, quando não se diz no enunciado e se diz na enunciação. A interpretação cabe a quem lê. Já no domínio das oposições graduais, afirma-se como um eufemismo, quando se atenua no enunciado e se intensifica na enunciação, a própria tarja causa esse efeito.

Os mecanismos persuasivos fazem parte dos recursos de persuasão do enunciatário pelo enunciador, pois, instaurando no discurso o segredo e a mentira, desvelam uma nova verdade, prozem um novo saber, descobrem significados, encobrindo-os.” (FIORIN, J. L. p.87)

O encobrimento do prefixo, enquanto mecanismo persuasivo, eufemiza a afirmação do cartaz. Ao encobrir informações, deixa em aberto para que o leitor faça a avaliação final do sentido da sentença. Essa omissão, no que tange a significação, pode tanto retratar a dúvida quanto aos reais responsáveis pelo caso quanto a indiferença por discernir um do outro – polícia ou milícia são, no cartaz, misturadas, pois não é possível que o leitor faça tal discernimento. Ideologicamente, ou cobra-se a resposta de um crime que só tem dois possíveis responsáveis ou sugere-se que ambos são correlatos.

No âmbito de coerência textual, tratando de isotopias, contata-se isotopias temáticas que, em relação à mídia, podem ser associadas a “violência”, mais especificamente no caso de Marielle, a violência contra mulheres negras na esfera política. Segue de um mesmo percurso temático e resulta em valores de “perseguição”, “agressão”, “eliminação”, “intimidação”, dentre outros.

Já a isotopia figurativa, pode ser interpretada pela tarja preta ligando-se ao tema de silenciamento: existiu o assassinato de uma negra e há uma pergunta que paira, a resposta precisa da tarja, o que representa a opressão da sociedade, principalmente sendo mulher e negra.

O discurso, portanto, possui tanto figuras temáticas quanto figurativas, o que resulta em sua coerência semântica. Analisando a tarja do cartaz enquanto figura, é possível constatar que ela transmite a ideia de passar a acusação, ou à polícia ou à milícia, e a plurivalência de significados traz à tona seu papel de desencadeador de isotopias: “O desencadeador de isotopias é aquele elemento que não se integra facilmente em uma linha isotópica já reconhecida e leva dessa forma, à descoberta de novas leituras” (BARROS, 2011).

Nível fundamental

Após percorrer o trajeto da narrativa em seus níveis narrativo e discursivo, faz-se oportuno determinar seu nível fundamental, ou seja, seu significado mínimo. A oposição entre dois termos que constrói a estrutura para toda a geração de sentido.

No cartaz objeto de estudo, em seu nível essencial, evidencia-se a oposição entre vida e morte. O próprio verbo da sentença estudada, *matou*, já denuncia a primeira e predominante polarização a nível fundamental.

Em um segundo momento, destacada pela censura do prefixo da palavra *licia*, encontra-se a oposição liberdade vs. opressão. Os valores de liberdade seriam, portanto, aqueles atribuídos à Marielle em vida: seu existir no mundo que representava à sociedade uma série de valores positivos – atribuídos por Marielle a minorias que são muitas vezes desprestigiadas, tampouco ouvidas. Então, os valores da morte, equivalentes aqui aos da opressão, contrapuseram-se, opondo-se e prevalecendo. Segundo Barros (2011), o padrão dominante de valores pode ser definido como eufórico ou disfórico, não definido pela palavra em si, dicionarizada, mas sim pela constituição fundamental texto, que produz esses sentidos enquanto eufóricos ou disfóricos:

As categorias semânticas, como liberdade vs. opressão ou vida vs. morte, cujas relações são representadas e operacionalizadas no quadrado semiótico, constituem, portanto, o ponto de partida da geração do discurso. Essas categorias sofrem modificação axiológica também na instância das estruturas fundamentais, quando determinadas pela categoria tímica que se articula em euforia vs. disforia. A categoria tímica estabelece a relação de conformidade ou de desconformidade do ser vivo com os conteúdos representados. (Barros, 2011, p. 78/9).

É possível perceber, na categoria tímica, no que tange as oposições de base, percebe-se a relação de desconformidade do ser com o conteúdo representado. Assim, no nível fundamental do texto estudado, é possível chegar aos conceitos de vida e liberdade como eufóricos, enquanto os de morte e opressão se fazem disfóricos. Constitui-se dessa maneira, portanto, a primeira etapa do percurso de geração de sentido.

Plano da expressão

No que tange o Plano da Expressão, cabe primeiro considerar as cores utilizadas para a impressão do cartaz: é integralmente em preto e branco, com fonte básica – que poderia ser facilmente confundida com imprensa ou com qualquer outro discurso que se propõe neutro, imparcial, distante. A frase é ainda emoldurada por um contorno preto, que destaca ainda mais o conteúdo exposto. Em contraste, o plano de fundo onde se encontra o cartaz é repleto de *pixos*, está em meio a um ambiente visualmente poluído, o que remete informalidade e até mesmo marginalização daquilo que está sendo dito.

Essas primeiras interpretações nos levam ao tópico central do plano da expressão do texto, tendo em vista que é o que mais se destaca, propondo diversas interpretações: a censura do prefixo, que obriga o leitor a mais de uma leitura, ou pelo menos uma breve reflexão acerca da mesma.

São, logo, levantadas hipóteses de significação: tal mecanismo persuasivo pode ter sido utilizado para que o leitor reflita acerca dos possíveis assassinos. Ainda, pode indicar incerteza acerca dos responsáveis, tendo em vista que ainda não há respostas concretas para o autor do crime, mesmo que meses depois do ocorrido.

A tarja pode, ainda, estar diretamente relacionada à oposição supracitada no plano do conteúdo em seu nível fundamental (opressão vs. liberdade), no que diz respeito à opressão – a omissão do prefixo pode sugerir um *não poder* dizer. Um silenciamento não só do(a) autor(a) do cartaz, como de toda uma população que é silenciada diariamente no Brasil – assim como foi Marielle.

Como última hipótese, cabe ainda considerar se a omissão do prefixo pode sugerir uma equiparação da polícia à milícia. Como se, independentemente de qual fosse a sílaba precedente, já estivesse dada a resposta.

Considerações finais

É fato que, ao longo dos últimos anos, as mulheres ganharam mais espaço e voz na política, entrando, aos poucos, na esfera do Estado. No entanto, também deve ser considerado o fator de que a exclusão das mulheres na política, bem como nas demais áreas de atuação social, não incide igualmente sobre todas as mulheres.

Especialmente mulheres negras, lésbicas e periféricas encontram maior dificuldade em inserção social, igualdade mercado de trabalho e demais incontáveis outros obstáculos que são impostos às mulheres negras, fazendo com que estas se tornem a base da pirâmide econômica brasileira:

[...] Na pirâmide de renda e no acesso a postos de trabalho, à escolarização e à profissionalização, as mulheres brancas estão mais próximas dos padrões de oportunidades dos homens brancos e apresentam vantagem em relação aos homens negros. São as mulheres negras, acompanhadas de seus filhos, que integram a faixa mais pauperizada da população. (BIROLI, 2018, p. 22).

Portanto, as estruturas de poder que silenciam tantas mulheres são regidas não só por questões de gênero, mas também a partir de questões raciais e de dinâmica de classes.

Mesmo inserida na esfera pública de poder, como Marielle Franco, a mulher negra ainda encontra obstáculos que as tornam mais vulneráveis e suscetíveis a atos de violência, como aconteceu com a vereadora. Ainda que ocupasse um cargo público, indo de encontro a todas as estatísticas brasileiras, Marielle teve sua vida interrompida e, com isto, interrompeu-se também sua atuação política, que dava voz a tantas minorias pouco ouvidas.

Disto isto, cabe refletir que a morte de Marielle, denunciada pela mídia cartaz analisada, não se trata de um caso de feminicídio qualquer, como são tantos os casos de mulheres negras que morrem por violência, dia após dia, anonimamente. Trata-se de um assassinato premeditado e especificamente direcionado à vereadora, um crime político.

Mostra-se, logo, que o assassino – seja ele um policial, miliciano ou qualquer outro que possa ter sido o responsável, teve e tem interesses governamentais que não envolviam uma mulher negra, lésbica e periférica militando por minorias em um partido de esquerda.

O cartaz censurado denuncia a falta de respostas e a impunidade dos assassinos. Também revela valores impostos de opressão e silenciamento, dado o fato de que a morte de Marielle Franco não veio de maneira espontânea, mas planejada e inserida em uma esfera muito grande de poder.

A teoria semiótica greimasiana se faz vital para a análise do texto e para a compreensão dos artifícios utilizados para a construção de sentido. Em especial no que diz respeito à produção de mídias espontâneas, como o cartaz estudado, faz-se interessante observar o percurso gerativo de significação, pois, desta forma, fazem-se explícitos os aspectos ideológicos e sócio-históricos nos quais o texto está inserido. Desta forma, pôde-se provar, por meio da teoria, a prevalência de valores disfóricos na oposição de base da narrativa investigada, que, combinados à tarja presente no plano da expressão, transmitem os valores de morte e opressão, conduzindo a ideia de inequidade racial e de gênero presente no contexto brasileiro.

Referências

- BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria semiótica do texto*. 5ª ed. – São Paulo: Ática, 2011.
- BIROLI, Flávia. *Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil*. 1ª ed. – São Paulo: Boitempo, 2018.

FERREIRA, Frederico. A demagogia oportunista na morte de Marielle. Publicado em 02 de abril de 2018. <https://www.cartacapital.com.br/blogs/blog-do-socio/a-demagogia-oportunista-na-morte-de-marielle>. Acesso em 30 de maio de 2018.

FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. 15. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

FRANCO, Luiza. Batalhão da PM denunciado por Marielle é o que mais mata no Rio. Publicado em 15 de março de 2018. <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/03/batalhao-da-pm-denunciado-por-marielle-e-o-que-mais-mata-no-rio.shtml>. Acesso em 27 de maio de 2018.

GREIMÁS, Algirdas Julien. FONTANILLE, Jacques. *Semiótica das paixões: Dos estados de coisas aos estados de alma*. Tradução de Maria José Rodrigues Coracini. Editora Ática, São Paulo, 1993.

PLATONOW, Vladimir. Preso suspeito de matar assessor de vereador ouvido no caso Marielle. Publicado em 30 de maio de 2018. <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-05/preso-suspeito-de-matar-assessor-de-vereador-ouvido-no-caso-marielle>. Acesso em 01 de junho de 2018.

Redação Globo. Polícia descobre que arma usada para matar Marielle e Anderson foi uma submetralhadora. Publicação em 07 de maio de 2018. <https://oglobo.globo.com/rio/policia-descobre-que-arma-usada-para-matar-marielle-anderson-foi-uma-submetralhadora-22662006#ixzz5HBVvzEbS>. Acesso em 12 de maio de 2018.

SEMIOTIC ANALYSIS OF POSTER MEDIA IN MARIELLE CASE

ABSTRACT: this paper develops the poster media analysis on the Marielle Case from the greimasian semiotic theory. Therefore, the content plan is prioritized, in which aspects of the narrative level are investigated, followed by studies about the most relevant elements of the discursive plane, in order to reach the fundamental semantic category in its opposition base, and the values here presented. Subsequently, components of the expression plane are also observed. Knowing that many structural obstacles that retains women's effective access to democracy, as happened in the murder of councilwoman Marielle Franco, this article aims to investigate the effects of meaning generation by the selected poster media, the mechanisms used to construct them and, finally, aims to observe the socio-historical circumstances that influence and reflect the textual production.

Keywords: Greimasian semiotics. Marielle Franco. Poster media.

Envio: setembro/2018
Aceito para publicação: dezembro/2018